

# O TEATRO DO OPRIMIDO COMO ESTRATÉGIA NO COMBATE À VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA ESCOLA

## THE THEATER OF THE OPPRESSED AS A STRATEGY TO FIGHT AGAINST GENDER VIOLENCE AT SCHOOL

Demóstenes Dantas Vieira 1

Felipe Andrade Saldanha 2

Efraim de Alcântara Matos 3

João Carlos Pereira Braga 4

**Resumo:** Este trabalho, de análise bibliográfica e de proposição didática, pretende investigar em que medida o uso de jogos teatrais na escola podem contribuir para o combate à violência de gênero nas escolas de ensino médio. Para tanto, adotamos como perspectiva teórica o Teatro Político de Augusto Boal, através do qual propomos uma sequência didática para as disciplinas de Arte e de Literatura com foco no combate à discriminação sexual e violência de gênero. Como aporte teórico, destacam-se as contribuições de Boal (2005a/2005b/2009), Bourdieu (2003/2012), Foucault (1988), Louro (2007), Vieira (2020), Barrilo (2010), Videres e Brito (2008), dentre outros. Os resultados apontam para o Teatro Político, mais especificamente, para o Teatro do Oprimido formulado por Augusto Boal como uma alternativa no combate à violência de gênero na escola, possibilitando a construção de um olhar atravessado pelo lugar social do outro, de suas vivências e experiências.

**Palavras-chave:** Jogos teatrais. Ensino Médio. Teatro do Oprimido. Violência de gênero.

**Abstract:** This paper of bibliographic analysis and didactic proposition intends to investigate to what extent the use of theatrical games at school can help in the fight against gender violence in high schools. To do so, we adopted the Political Theater of Augusto Boal as a theoretical perspective, through which we propose a didactic sequence for the subjects of Art and Literature with a focus on combating sexual discrimination and gender violence. As a theoretical contribution, the contributions of Boal (2005a/2005b/2009), Bourdieu (2003/2012), Foucault (1988), Louro (2007), Vieira (2020), Barrilo (2010), Videres and Brito (2008), among others. The results point out to the Political Theater, more precisely, the Theater of the Oppressed formulated by Augusto Boal as an alternative in the fight against gender violence at school, enabling the construction of a look crossed by the social place of the individual, of their experiences.

**Keywords:** Theatrical Games. High School. Theater of the Oppressed. Gender Violence.

- 1 Pós-Doutorado em História, Poder e Práticas Sociais pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Pernambuco – UFPE. Atualmente, é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN/Campus Mossoró, atuando como docente no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica ProfEPT. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7513474493853463>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2196-9403>. E-mail: demostenes.vieira@ifrn.edu.br
- 2 Mestre em Cognição, Tecnologias e Instituições - PPGCTI pela Universidade Federal Rural Semi-Árido - UFERSA; Licenciado em Teatro pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE; Especialista em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci - UNIASSELVI, com Especialização em Arte e Educação pela mesma instituição. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3949683219208644>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7245-9481>. E-mail: felipeandrade0403@gmail.com
- 3 Doutorando em Ensino pela RENOEN – Polo da Universidade Federal do Ceará - UFC. Atualmente, é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE/Campus Cedro. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4179298512974019>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2422-1620>. E-mail: efrain.matos@ifce.edu.br
- 4 Especialista em Educação Matemática pelo Colégio Pedro II, Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9586150576473918>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0124-2162>. E-mail: programador.joao@gmail.com

## Considerações iniciais

Na última década, tem-se observado o aumento de discursos conservadores em diversas áreas e esferas da vida social brasileira, discursos que (re)produzem e naturalizam a violência de gênero, mesmo em ambientes institucionais. Como resultado, tem avançado no legislativo a discussão de projetos de lei que constroem os profissionais do magistério, restringindo a liberdade de ensino, principalmente, no que se refere à discussão sobre política, diversidade de gênero e educação sexual nas escolas.

No legislativo, projetos sobre a suposta *ideologia de gênero*<sup>1</sup> foram aprovados em diversos municípios do país, impedindo a discussão sobre diversidade sexual e identidade de gênero. Na esfera estadual não é diferente. Em diversos estados, a discussão sobre “ideologia de gênero” tem avançado nas assembleias legislativas, embora o Supremo Tribunal Federal - STF tenha decidido recentemente que tais projetos são inconstitucionais<sup>2</sup>.

Ainda sobre essa questão, na discussão sobre o Plano Nacional de Educação (PNE 2014/2024), o Congresso Nacional retirou quaisquer menções à discussão sobre identidade de gênero e orientação sexual. Sob o mesmo funcionamento discursivo, apresentam-se os projetos de lei intitulados de Escola sem Partido, popularmente conhecidos como *Lei da Mordaça* que, de certo modo, materializam-se como um mecanismo de controle e cerceamento da liberdade de ensinar.

Por outro lado, os dados estatísticos internacionais apontam o Brasil como o país que mais mata pessoas LGBTQIAPN+ no mundo e o 5º país no ranking de feminicídio. Em vista disso, é de suma importância fincarmos os pés num lugar sociopolítico de resistência ao afirmar a necessidade urgente de discussão acerca da diversidade de gênero e educação sexual nas escolas.

Partindo desse contexto, este trabalho, de cunho bibliográfico e de proposição didática, propõe uma investigação sobre o uso de jogos teatrais como alternativa no combate à violência de gênero na escola. Na primeira parte, apresentamos a nossa metodologia. Na segunda, discutimos algumas questões teóricas, principalmente, no que se refere à violência de gênero na escola. Em seguida, apresentamos uma sequência didática elaborada a partir dos jogos teatrais propostos por Augusto Boal (2005a, 2005b, 2009), a saber, o Teatro Imagem e Teatro Jornal. Para tanto, realizaremos uma sequência didática sobre Violência de Gênero para ser desenvolvida nas disciplinas de Arte e de Literatura no Ensino Médio.

## Aspectos metodológicos

Este trabalho, de natureza qualitativa, propõe a elaboração de uma sequência didática com jogos teatrais para o Ensino Médio, visando o combate à violência de gênero na escola. Vale destacar que, pautados na abordagem qualitativa, os pesquisadores não quantificam “os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação)” (Deslauriers, 1991, p. 58). Pelo contrário, detém-se a analisar aspectos subjetivos e intersubjetivos dos fenômenos estudados (Deslauriers, 1991).

Quanto aos métodos procedimentais, adotou-se a pesquisa do tipo bibliográfica, em cujo aporte teórico destacam-se Boal (2005a, 2005b, 2009), Bourdieu (2003, 2012), Foucault (1988), Louro (2007), Vieira (2020), Barrilo (2010), Videres e Brito (2008), dentre outros. Em seguida, produzimos uma Sequência Didática – SD, como base no Teatro do Oprimido de Augusto Boal,

1 A expressão ideologia de gênero foi cunhada por Ratzinger, ex-cardeal e Papa Emérito Bento XVI, numa tentativa de disciplinar e impedir o avanço do feminismo e da educação e sexual no mundo (VIEIRA, 2020). Segundo Vieira (2020, p. 135), “a expressão nasce do conservadorismo religioso que vê no movimento feminista e estudos de gênero uma ameaça aos padrões sexuais heteronormativos apoiados na ideologia cristã”.

2 Sobre a decisão do STF, sugerimos a leitura de: REIS, Toni. STF, por decisão unânime, enterra “ideologia de gênero”. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/opiniaoforum/stf-por-decisao-unanime-enterra-ideologia-de-genero/>. Acesso em: 22 jun. 2020; e, FOLHA ONLINE. Por unanimidade, Supremo declara inconstitucional lei municipal de ‘ideologia de gênero’. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/04/stf-forma-maioria-para-declarar-inconstitucional-lei-que-veta-discussao-de-genero-nas-escolas.shtml>. Acesso em: 22 jun. 2020.

sequência que pode ser adaptada à diferentes séries do Ensino Médio.

Tendo em vista as tentativas de censura dos professores, de cerceamento da liberdade de ensino e do avanço de pautas conservadoras em torno da educação sexual, esse trabalho apresenta-se como forma de resistência, fincando os pés numa práxis educativa libertadora, contra quaisquer formas de violência e desigualdade social. No mais, esse trabalho justifica-se pela necessidade de combate à violência de gênero na escola.

## Violência de gênero na escola: alguns apontamentos

A educação brasileira tem avançado em diversos aspectos. Desde a colonização até o processo de redemocratização, são evidentes as conquistas em termos de formação de professores, legislação e mesmo no que se refere à educação profissional e tecnológica. Temos avançado em pautas educacionais democráticas, como em políticas afirmativas de inclusão de diversos grupos historicamente excluídos do processo educacional, em especial, temos reservado cotas de acesso para negros, pardos e pessoas com deficiência, levando em consideração à situação econômica.

Paradoxalmente, ainda nos deparamos com questões importantes, embora estigmatizadas por uma parcela conservadora da sociedade, tais como questões sobre identidade de gênero e orientação sexual, sexismo, LGBTfobia, respeito a diversidade étnica brasileira, dentre outras.

É evidente, que em muitos aspectos, o corpo docente não está preparado para lidar com a dinâmica das transformações sociais e com as questões sociopolíticas, culturais e simbólicas que se materializam na dinâmica da sala de aula. Além desses entraves, formativos, estruturais, curriculares, conteudistas (conceituais, procedimentais e atitudinais), etc., apresenta-se a desvalorização e crescente perseguição ao magistério.

Através de mecanismos diversos, tais como projetos de lei sobre “ideologia de gênero”, o movimento Escola sem Partido e intervenção política de grupos conservadores, quase sempre ligados instituições religiosas, tem-se construído um discurso de coerção que tentam restringir a liberdade de ensino prevista na nossa constituição, numa tentativa de impedir o avanço de discussões progressistas, principalmente, no que se refere à educação sexual nas escolas.

Em vista disso, a escola enquanto *Aparelho Ideológico do Estado*<sup>3</sup> (Althusser, 1990) ou como *dispositivo social*<sup>4</sup> (Foucault, 1972) funciona ao mesmo tempo como reprodutora das desigualdades e como mecanismo de resistência, tendo em vista o conflito ideológico e as relações de forças que nela se materializam.

Por conseguinte, é evidente as diversas formas de colonização do outro materializadas na e pela instituição escolar, que (re)produz no currículo violências simbólicas diversas, subjulgando do ponto de vista da cultura, da língua e dos saberes aqueles que advém das classes sociais menos privilegiadas, reproduzindo também as normas de gênero e sexo que regulam os corpos e a sexualidade, marginalizando aqueles que não se adequam à *heterossexualidade normativa*<sup>5</sup>.

Nesse contexto, a pessoa LGBTQIAPN+ assume a condição de vulnerabilidade na escola, estando sujeitos à violência de gênero quase sempre naturalizadas pelos alunos, professores e demais profissionais da escola. Sobre essa questão, Videres e Brito (2008, p. 179) escrevem que:

as violências se manifestam de diversas formas, isoladamente e ou sobrepostas e incluem a utilização frequente de termos

3 A concepção de Aparelhos Ideológicos do Estado foi elaborada por Althusser (1990) para designar os mecanismos ideológicos através dos quais o Estado se utiliza para manter as formas de opressão da classe dominante sobre aquelas menos favorecidas. Tais mecanismo foram denominados por ele de Aparelhos Ideológicos, tais como o Aparelho Ideológico do Estado Político – AIEP, o Aparelho ideológico do Estado Religioso – AIER, o Aparelho Ideológico do Estado Escolar – AIEE – AIEE, dentre outros.

4 Segundo Vieira e Brito (2015, p. 76) a noção de dispositivo deve ser compreendida como uma ferramenta usada por Foucault para designar um conjunto heterogêneo de mecanismos que disciplinam o sujeito, tais como discursos, instituições, organizações, leis, proposições filosóficas e morais, dentre outras.

5 A expressão heterossexualidade normativa refere-se “noções normativas que posicionam a heterossexualidade como sendo a sexualidade estável e natural” (Britzman, 1996, p. 81).

jocosos, depreciativos, desrespeitosos, para referir-se à sexualidade humana nos diferentes espaços e grupos sociais, religiosos e culturais. Essas manifestações refletem entraves e dificuldade de pessoas, grupos sociais e sociedade para compreender, abordar e tratar questões relacionadas a sexualidade e à adolescência, como se fosse preciso usar subterfúgios, brincadeiras, insinuações e piadas, para conviver e falar de algo tão natural e humano como a sexualidade

Por um lado, a violência de gênero materializa-se através de sutilezas discursivas não-transparentes, através de enunciados arraigados na cultura e nas práticas cotidianas. Do outro, apresenta-se visivelmente no currículo e, por conseguinte, na prática pedagógica que, muitas vezes, realiza um apagamento das discussões de gênero na escola e na sociedade. Nesse contexto, a escola (re)produz um tipo de violência simbólica heteronormativa.

Segundo escreve Bourdieu (2003, p. 47), a violência simbólica funciona como um processo de violência através da cultura, de produtos simbólicos, exercendo poder coercitivo sobre o sujeito, naturalizando formas de opressão através da “adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante”. Trata-se, portanto, de “esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro, etc.) resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto” (Bourdieu, 2003, p. 47).

Em obra intitulada *Homofobia - história e Crítica de um preconceito*, Barrillo (2010) escreve sobre as inúmeras formas de homofobia, desde aquelas mais sutis até violência física e psicológica, práticas que se assemelham a outras formas de exclusão como sexismo, racismo e xenofobia.

À vista disso, é urgente romper com dois grandes paradigmas historicamente construídos acerca da pessoa LGBTQIAPN+, da demonização e da patologização. Conforme escreve Foucault (1988), na *História da Sexualidade I*, a sociedade ocidental, sob a influência do discurso cristão-hegemônico, primeiro demonizou as identidades sexuais não-normativas, depois, com o surgimento da ciência moderna, transformou o estigma sobrenatural e uma patologia.

Segundo Vieira (2020, p. 107),

É nos EUA que se inicia uma corrida contra sua despatologização. Em 1953, a Associação Americana de Psiquiatria retirou a homossexualidade do rol de transtornos mentais. Seguindo o exemplo, em 1975, a Associação Americana de Psicologia também retirou a homossexualidade da lista de doenças psíquicas. No Brasil, a decisão de despatologização é de 1985, ano em que o Conselho Federal de Psicologia despatologiza a homoafetividade. Ainda sobre esse processo, destaca-se que, em 1990, a Organização Mundial da Saúde – OMS retira a homossexualidade do rol internacional de doenças.

Vale salientar que a história registra diversas tentativas fracassadas de reorientação sexual, com experimentos notadamente marcados pela dor e pelo sofrimento físico e psíquico, nos quais destacam-se práticas de lobotomia, tratamento hormonal, castração química, dentre outros. Endossando essa perspectiva, destaca-se que:

Desde 1930, as experimentações médicas para “curar” a homossexualidade não cessam de se multiplicar: enquanto ariano, o homossexual deveria ser recuperado para a função reprodutora. Com esse objetivo, o Dr. Vernet submeteu 180 indivíduos a um tratamento hormonal e, em troca do fornecimento de deportados-cobaias de que ele dispunha com toda a liberdade, o cientista teve de ceder a patente do “tratamento” que, supostamente, eliminava o “desejo anormal” (Burleigh; Wippermann, 1991 *apud* Barrillo, 2010, p. 83).

Vale destacar que no Brasil, a Constituição de 1988 não criminaliza as homossexualidades, pelo contrário, apregoa a igualdade de todos perante a lei (Vieira, 2020). Além disso, “o Conselho Federal de Psicologia – CEF, a Associação Brasileira de Psiquiatria – ABP, assim como a própria Organização Mundial da Saúde – OMS, reconhecem que a orientação sexual por pessoas do mesmo sexo é saudável, constituindo-se como variante da sexualidade humana” (Vieira, 2020, p. 123).

Por outro lado, é notório que as concepções que patologizam e demonizam a pessoa LGBTQIAPN+ ainda exercem força sobre a estrutura social, materializando-se nas práticas discursivas cotidianas e no *habitus*<sup>6</sup> público e privado, inclusive, em instituições de ensino. Pensando nisso, este trabalho, baseado no Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, propõe uma sequência didática, principalmente, para as disciplinas de Arte e de Literatura no Ensino Médio, através da qual propõe-se a discussão sobre a violência de gênero naturalizada na sociedade e também na escola. Vale salientar que ao final do trabalho, apresentamos algumas sugestões que podem ser acrescentadas à essa SD, pensando na contribuição de outras disciplinas do currículo e, portanto, da interdisciplinaridade.

O Teatro do Oprimido, doravante TO, deve ser compreendido como fundamento teórico e prático que desnaturaliza as formas de opressão, “através de meios estéticos – que proporcionam a descoberta das possibilidades produtivas e criativas, e da capacidade de representar a realidade produzindo Palavra, Som e Imagem”, promovendo “a sinestesia artística que impulsiona o autoconhecimento, a autoestima e a autoconfiança; e o diálogo propositivo que estimula a transformação da realidade (CTO RIO, 2020, s/n).

O Teatro do Oprimido, conforme reconheceu Boal (2009), foi diretamente influenciado pela Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire (2005), por isso carrega uma concepção de teatro transformadora centrada na libertação daqueles que, por diversos fatores, são oprimidos pela sociedade do capital, desnaturalizando as diversas formas de exclusão social. Para tanto, Boal (2009) desenvolve técnicas de teatro que colocam o espectador não mais como agente passivo, mas como aquele que interfere diretamente na cena, modificando o resultado final da encenação. Por esse motivo, Boal (2005a) denominará a plateia de “espect.-atores”, porque eles interferem diretamente no processo de criação.

As técnicas ou jogos teatrais criados por Boal apontam para o poder de transformação da arte como forma de conhecimento ligada à própria condição humana, portanto, capaz de transformar as diversas condições de sua existência. Ao falar do TO, em entrevista dada em 2020, Flávio Sanctum, uma das referências brasileiras na área, escreve que “a arte pode anunciar que o homossexual não está doente, não tem o diabo no corpo e não está enlouquecendo”, afirmando que “o que nos deixa loucos e doentes, o que nos mata é a intolerância, a homofobia, o ódio que muita gente tem dos homossexuais”.

Por fim, Flávio Sanctum afirma que “uma sociedade que não respeita a diversidade de se amar quem se quer não pode ser uma sociedade sadia”. Por conseguinte, entendemos que as disciplinas de Arte e de Literatura, assim como todas as outras do currículo, podem contribuir para combater as pedagogias culturais que funcionam através de diversos artefatos culturais, formais e não-formais, que funcionam como “processos educativos” que normatizam “relações entre corpo, gênero e sexualidade” (Meyer, 2009, p.213).

Conforme escreve Louro (2007, p. 204), pensar a relação entre educação, gênero e sexualidade é “refletir sobre os modos como se regulam, se normatizam e se vigiam os sujeitos de diferentes gêneros, raças e classes nas suas formas de experimentar prazeres e desejos; refletir sobre as práticas que tais sujeitos põem em ação para responder a esses desejos, as práticas que acionam para se constituírem como homens e mulheres”, assumindo “preocupações políticas comuns”, não admitindo “homofobia, a misoginia e o sexismo” (Louro, 2007, p. 204).

## Sequência didática com o Teatro do Oprimido (TO)

<sup>6</sup> A concepção de *habitus* que adotamos é aquela produzida pelo Sociólogo Francês Pierre Bourdieu (2012) que o concebe como uma “pré-disposição psíquica e social do comportamento”. Embora Bourdieu reconheça a possibilidade de transgressão do *habitus* pelo sujeito, reconhece a “constrangimento” social que ele exerce sobre o sujeito.

No início deste tópico, faremos uma apresentação do Teatro Imagem e Teatro Jornal, jogos criados por Boal no TO, também classificados pelos autores como vertentes do mesmo. Em segundo momento, apresentaremos uma sequência didática para as disciplinas de Arte e de Literatura que pode ser desenvolvida em quaisquer turmas de Ensino Médio do país. Vale salientar que a proposta pode ser adaptada de acordo com as realidades locais.

O Teatro Imagem propõe a criação de imagens utilizando-se da imagem corporal dos atores e/ou espect-atores, trazendo para a cena à representação da vida real a partir de um tema escolhido pelo mediador. Para iniciar a cena, parte-se de um tema gerador que pode advir da leitura de um texto inicial que evidencie questões sociais locais ou globais, que, por sua vez, devem estar associados às vivências e experiências dos espect-atores (Boal, 2005a, 2005b, 2009).

Em seguida, alguns atores vão até o centro do espaço cênico como estatuas vivas, o ator que inicia molda as primeiras estatuas para representar o tema proposto. É importante que o silêncio seja colocado como regra, para que o ator se concentre na montagem da cena. Ao ser feito um quadro vivo de espect-atores, os demais são chamados um a um para intervir na imagem, para recriar a imagem com relação ao problema que foi proposto até encontrar uma imagem ideal, colocando-se também como estátua-imagem. Para finalizar, cria-se a imagem que faz a representação do problema e da solução. Ao fim, é interessante que imagem seja registrada, ou mesmo o processo inteiro, podendo ser documentado em fotografia ou vídeo (Boal, 2005a, 2005b, 2009).

O Teatro Jornal, por sua vez, é uma forma de encenação criada por Boal no Teatro de Arena em São Paulo. Essa técnica consiste num jogo através do qual se transforma notícias de jornal em material dramático, improvisado ou não. A partir daí, propõe-se a discussão de temas relevantes à vida social, evidenciando as formas de opressão e violência que se materializam nas malhas da desigualdade e nas condições de (re)produção do capitalismo, desnaturalizando formas de opressão (Boal, 2005a, 2005b, 2009).

Tendo em vista as considerações já realizadas sobre o Teatro Imagem e o Teatro Jornal, propomos uma sequência didática para o Ensino Médio, dividida em três etapas: 1. Teatro Imagem, Teatro Jornal e Performance. Na primeira etapa, propomos como texto motivador para o Teatro Imagem a notícia sobre o assassinato de Dandara dos Santos<sup>7</sup>, travesti violentada até a morte no estado do Ceará, acontecimento que tomou notoriedade em todo o país. Segue abaixo imagem do texto motivador:

#### **Quadro 1.** Notícia sobre o assassinato de Dandara

##### **Travesti Dandara foi apedrejada e morta a tiros no Ceará, diz secretário**

Travesti Dandara dos Santos, de 42 anos, foi agredida e assassinada. Polícia prendeu dois homens e apreendeu três jovens; um segue foragido.

Após [agressões com chutes e golpes de pau, a travesti Dandara dos Santos foi assassinada a tiros](#), segundo o secretário da Segurança Pública e Defesa Social do Ceará, delegado André Costa. Os dois suspeitos de atirar em Dandara foram presos, conforme o secretário. Também foram apreendidos três adolescentes que aparecem no vídeo agredindo a vítima, e um sexto suspeito está foragido.

“Depois das agressões, levaram [Dandara] até outro local, próximo de onde foram feitas aquelas imagens. Como é visto nas imagens, ela foi brutalmente, covardemente, assassinada através de um disparo de arma de fogo”, detalhou o delegado em entrevista nesta terça-feira (7).

As prisões ocorreram na noite desta segunda-feira (6) e no início da tarde desta terça-feira, no Bairro Bom Jardim, em [Fortaleza](#), e no município de Trairi.

Um dos presos é apontado como o homem que filmou o crime. Segundo o titular da SSPDS, o homem é suspeito de tráfico de drogas, e já era conhecido da polícia.

“A investigação apurou que essa pessoa [traficante] que está presa foi quem filmou. As provas demonstram que é a voz dele que aparece no vídeo”, comentou o secretário.

<sup>7</sup> G1. Travesti Dandara foi apedrejada e morta a tiros no Ceará, diz secretário. Notícia disponível no link: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2017/03/apos-agressao-dandara-foi-morta-com-tiro-diz-secretario-andre-costa.html>. Acesso em: 21 jun. 2020.

Ainda segundo o secretário, a polícia vai ouvir os suspeitos para investigar a motivação do crime. “Dependendo do que for apurado, pode haver alguma qualificação do crime”, afirma. Um dos presos já tinha passagem na polícia por tráfico de drogas.

**Lamento da mãe de Dandara**

A mãe de Dandara, Francisca Ferreira, diz que o momento é de desespero e choro. “Fiquei muito desesperada. Chorando e perguntado para Deus o que tinha acontecido. O que foi que esse menino fez meu Deus? Fiquei assim feito uma maluca sem saber acreditar. Se houve briga ou não”, disse emocionada.

Uma testemunha que presenciou as agressões e que prefere não se identificar afirmou que foi um grave crime de linchamento. Ele relatou que Dandara foi agredida com murros, pedradas e pauladas. “Eram vários rapazes. Um dava um chute e outro uma pedrada. Outro dava murros e outro bateu com um pau na cabeça dela”

A testemunha contou que ligou duas vezes para a polícia. E alertou aos policiais que, caso eles não fossem, ia acontecer o pior. “Foi um linchamento muito cruel”, lamentou.

A irmã de Dandara, Sônia Maria, relatou que a irmã era muito querida por todos e não deixava de fazer um favor sequer para as pessoas. Sônia afirmou que Dandara sempre era vítima de preconceito. “Ela nunca dizia um não. Ela podia estar cansada, mas era sempre prestativa. Para onde a gente pedia para ela ir, ela ia. Ela nunca dizia um não. Sobre os preconceitos, ela foi para o Bairro Jurema e uns caras bateram nela. Ela foi até para o hospital”, disse.

Quanto à denúncia sobre a demora no atendimento da polícia, a Secretaria da Segurança informou que, sem o número do telefone, não é possível fazer o rastreamento das ligações para saber se a informação da testemunha é verdadeira.

**Caso Dandara**

O crime aconteceu no dia 15 de fevereiro, no Bairro Bom Jardim, e ganhou repercussão nas redes sociais após o compartilhamento do vídeo que mostra a travesti sendo agredida por um grupo no meio da rua.

O vídeo, gravado por uma pessoa que está com o grupo de agressores, mostra parte da violência. A gravação tem 1 minuto e 20 segundos e termina quando os suspeitos colocam a vítima no carrinho de mão, após agressões com chutes, chineladas, pedaços de madeira, e descem a rua. O governo do Ceará emitiu uma nota de repúdio em relação aos “atos de violência e intolerância como o que praticado contra Dandara dos Santos”, morta por brutal espancamento”.

**Fonte:** Adaptado de G1 (2017).

Partindo da leitura do texto motivador, propõe-se uma sequência de atividades, conforme pode ser lido no quadro abaixo:

**Quadro 2.** Sequência Didática

|         |   |
|---------|---|
| Aula 01 | Leitura oral do texto motivador: notícia sobre o assassinato de Dandara.<br>Sugestões: Leitura em círculo, todos sentados no chão, de olhos fechados enquanto o professor realiza a leitura;<br>Momento de reflexão e debate sobre o texto;   |
| Aula 02 | O professor deve explicar as regras do Teatro Imagem, a modelagem da cena, a necessidade de silêncio, o papel de cada aluno-ator na montagem da imagem;<br>O professor convida três alunos para montagem da cena, um deles fará a modelagem dos outros;<br>A partir daí, todos os alunos são convidados, um a um, à entrar em cena, modificar a modelagem da cena e se colocar também como estátua-imagem;<br>Por fim, o professor deve registrar a cena final através de fotografias, preferencialmente, pegando diversos ângulos; |

|          |   |
|----------|---|
| Aula 03  | Nesta etapa, propõe-se a leitura dos textos não-verbais produzidos. É interessante que o professor disponibilize a imagem no Projetor de Multimídia (DataShow), de modo que possa analisar as especificidades da cena com a participação dos alunos.  |
| Aula 04: | A partir da leitura e debate das imagens e do texto motivador, sugerimos que o professor trabalhe com processo de reescrita criativa, retextualizando as imagens para gêneros textuais-artísticos diferentes, tais como desenho, pintura, poesia, cartazes, modelos humanos, paródias, performance ou encenação, etc. De modo que na aula seguinte a sequência termine com uma exposição das produções; |
| Aula 05  | Exposição das produções dos alunos;<br>É interessante que o professor convide as demais turmas para a visitação;<br>Importante combinar com os demais professores da escola e Supervisão Pedagógica.  |

**Fonte:** Os Autores (2023).

Vale salientar que o propósito da sequência é discutir violência de gênero na escola e na sociedade, o que nos remete a necessidade de discussão da realidade local, principalmente, da discriminação e violência homofóbica na escola. Além disso, o professor pode trabalhar em conjunto com outros professores e disciplinas, evidenciando a interdisciplinaridade do tema. Por outro lado, vale salientar que o professor de Arte e de Literatura, caso julgue necessário e conveniente, pode desenvolver essas atividades. Abaixo, apresentamos algumas sugestões:

**Quadro 3.** Sugestões interdisciplinares

| Disciplina        | Atividades sugeridas   |
|-------------------|--|
| Matemática        | Pesquisa sobre dados estatísticos violência homofóbica e feminicídio por região, estado e município.   |
| Geografia         | Pesquisa sobre os dados de violência homofóbica e feminicídio por região, estado e município.  |
| História          | Elaboração de uma linha do tempo sobre o movimento LGBTQIAPN+.   |
| Língua Portuguesa | Discussão sobre variação linguística e grupos LGBTQIAPN+   |
| Biologia          | Estudo das práticas homossexuais entre mamíferos.  |
| Física e Química  | Pesquisa sobre a presença das mulheres nas disciplinas de Química e Física, na Universidade e nas diversas áreas em que esses profissionais atuam; |
| Filosofia         | Discussão sobre moral, ética e violência homofóbica.   |
| Sociologia        | Discussão sobre as homossexualidades e papel da mulher nas diversas sociedades.  |

**Fonte:** Os Autores (2023).

As considerações realizadas até aqui nos levam a endossar a pertinência da discussão sobre educação sexual na escola como uma ferramenta no combate à violência de gênero, como forma de desnaturalização da heterossexualidade normativa e compulsória, possibilitando a construção de um olhar atravessado pelo lugar social do outro, independentemente do sexo, da orientação sexual ou identidade de gênero.



## Considerações finais

Tendo em vista o complexo cenário político brasileiro, em que a educação sexual, autonomia docente, a liberdade de ensino e as instituições educacionais sofrem constante ataque, é importante fincarmos os pés num lugar político-educacional de resistência às diversas formas de colonização do outro materializadas nas micro e macrorrelações. Sob essa perspectiva, esta pesquisa propôs uma investigação sobre como os jogos teatrais podem contribuir no combate à violência de gênero na escola.

Em vista disso, destaca-se a necessidade de produção de novas metodologias de ensino. Partindo dessa prerrogativa, produziu-se uma sequência didática a partir do Teatro do Oprimido, perspectiva teórica desenvolvida por Augusto Boal. Desse modo, a sequência didática elaborada baseou-se em dois jogos propostos por Boal (2005a, 2005b e 2007), o Teatro Imagem e o Teatro Jornal. A partir deles, elaboramos uma sequência didática para as disciplinas de Arte e de Literatura no Ensino Médio.

Os resultados desse trabalho apontam para os jogos teatrais como possibilidade lúdica de discussão e problematização da violência de gênero na escola, proporcionando ao aluno momentos de reflexão, interação, produção e fruição de produtos artísticos-culturais diversos.

A produção da sequência didática proposta nos levou a estendê-la como uma possibilidade de desenvolvimento interdisciplinar. Isso significa dizer que ela pode expandir-se para além das fronteiras das disciplinas de Arte e de Literatura, integrando-se, de forma interdisciplinar, às demais disciplinas do currículo. Em vista disso, propôs-se também atividades que podem ser desenvolvidas em conjunto, evidenciando a transversalidade e interdisciplinaridade do tema discutido.

No mais, destaca-se a função social da escola e do professor, evidenciando o papel dele na construção de uma sociedade mais justa e menos desigual, o que implica no combate a violência de gênero e a diversas outras formas de opressão (re)produzidas e naturalizadas na vida social.

## Referências

- BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005a.
- BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **Sur l'État. Cours au Collège de France (1989-1992)**. Paris: Raisons d'Agir/Seuil, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito** [tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira]. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. - (Ensaio Geral, 1).
- BRITZMAN, Deborah P. O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 21, p. 71-96, jan./jun. 1996.
- FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal, 1972.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

CTO RIO. **Estética do Oprimido**. Disponível em: <http://ctorio.org.br/novosite/arvore-do-to/estetica-do-oprimido>. Acesso em: 05 set. 2016.

LIVRARIA CULTURA. **Sinopse**: Teatro do Oprimido e Outros Babados. Disponível em: <http://www.livrariacultura.com.br/p/teatro-do-oprimido-e-outros-babados-46062718>. Acesso em: 22 set. 2016.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. n. 46. p. 201-218. dez. 2007

MEYER. Dagmar E. Estermann. Corpo, Violência e Educação: uma abordagem de gênero. In: Rogério Diniz Junqueira Brasília (Orgs.). **Diversidade Sexual na Educação**: Problematizações Sobre a Homofobia nas Escolas. MEC: Brasília, 2009.

MEYER. Dagmar E. Estermann. Corpo, Violência e Educação: uma abordagem de gênero. In: Rogério Diniz Junqueira Brasília (Orgs.). **Diversidade Sexual na Educação**: Problematizações Sobre a Homofobia Nas Escolas. MEC: Brasília, 2009.

RATZINGER, J. A. **As novas ideologias**. In: O Sal da terra, o Cristianismo e a Igreja Católica no século XXI: um diálogo com Peter Seewald. Rio de Janeiro: Imago, 2005, p. 206.

SANCTUM, Flavio. **“Estamos juntos nessa guerra dos sentidos! Mãos à Arte!”**. Entrevista ao Jornal Online Inverta. Disponível: <https://inverta.org/jornal/edicao-imprensa/461/cultura/flavio-sanctum-201cestamos-juntos-nessa-guerra-dos-sentidos-maos-a-arte-201d>. Acesso em: 23 jun. 2020.

VIDERES, Petronila Mesquita; BRITO, Maria das Graças. Sexualidade e adolescência: Mitos, Preconceitos e Violências. In: MATIAS, Ivanildo; ZENAIDE, Maria de Nazaré Tavares; GUIMARÃES, Váleria Maria Gomes (Orgs.). **Gênero, diversidade sexual e educação**: conceituação e práticas de direito e políticas. João Pessoa: Editora UFPB, 2008.

VIEIRA, Demóstenes Dantas. **Do Lugar Social ao Lugar Discursivo**: Os Direitos Civis da Pessoa LGBTQI+, a ética e o atravessamento do discurso cristão no discurso político produzido pela Frente Parlamentar Evangélica – FPE. 2020. 223f. Tese de doutorado (Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL). Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2020.

VIEIRA, Demóstenes Dantas; BRITO, Luan Talles de Araújo. Verdade e poder em Michel Foucault: um projeto genealógico. **Trilhas Filosóficas** – Revista Acadêmica de Filosofia, Caicó, v. 8, n. 2, p.73-82, jul-dez. 2015. ISSN 1984-5561.

Recebido em 05 de junho de 2023.

Aceito em 11 de agosto de 2023.